

Padre Zezinho: o cantor da humanidade de Maria de Nazaré

Bruno Varriano¹

Resumo: O presente artigo reflete a “História de Maria” a partir da referida música composta pelo Pe. Zezinho, scj. A análise seguiu as estrofes da canção, tendo como objetivo ressaltar não somente as fontes bíblicas, mas em especial aquelas arqueológicas, do ambiente histórico e judaico de Nazaré, daquele da Galileia do I século. Conhecer Maria e seu ambiente histórico e cultural em Nazaré é o segredo de uma espiritualidade autêntica, que se realiza e se concretiza no ordinário de cada dia, de cada momento. O texto apresenta Maria fiel ao projeto de Deus, mãe e esposa dedicada em tempo pleno ao Seu Filho e a José, é na sua vida ordinária de Nazaré e na Igreja nascente discípula e peregrina no seu excepcional peregrinar na fé. A “mariologia do cotidiano” desenvolvida pelo autor da música é integral, canta com versos simples as maravilhas que o Senhor fez naquela que é peregrina de Israel, modelo de fé e de humanidade.

Palavras-chave: Padre Zezinho; Maria de Nazaré; Cantor da humanidade; Mariologia.

1. Doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Salesiana de Roma; Mestre em Teologia com especialização em Espiritualidade pela Pontifícia Universidade *Antonianum* de Roma; Graduado em Formação Bíblica pelo *Studium Biblicum Franciscanum* de Jerusalém. Professor no *Instituto Teológico de Jerusalém*, da Pontifícia Universidade *Antonianum* de Roma, e psicólogo clínico no *Hospital Francês de Jerusalém*. É o atual Guardião e Reitor da Basílica da Anunciação e do Santuário da Sagrada Família em Nazaré – Israel/Palestina. Franciscano da Ordem dos Frades Menores (OFM).

Riassunto: Questo articolo riflette la “Storia di Maria” partendo dalla canzone composta da P. Zezinho, scj. L’analisi ha seguito le strofe della canzone, con lo scopo di evidenziare non solo le fonti bibliche, ma soprattutto quelle archeologiche, dall’ambiente storico ed ebraico di Nazareth, da quello della Galilea del I secolo. Conoscere Maria e il suo ambiente storico e culturale a Nazareth è il segreto di un’autentica spiritualità, che si realizza e si compie nell’ordinario di ogni giorno, in ogni momento. Il testo presenta Maria fedele al progetto di Dio, madre e moglie dedicati a tempo pieno a suo Figlio e a Giuseppe, nella sua vita ordinaria a Nazareth e nella Chiesa nascente e discepola nel suo eccezionale pellegrinaggio della fede. La “mariologia del quotidiano” sviluppata dall’autore nella canzone è integrale, poiché canta con versi semplici le meraviglie che il Signore ha fatto in colei che è la pellegrina di Israele, modello di fede e di umanità.

Parole chiave: Padre Zezinho; Maria di Nazareth; Cantante dell’umanità; Mariologia.

Com surpresa e emoção aceitei o convite em contribuir com este artigo em homenagem ao nosso Padre Zezinho. Sei da tamanha responsabilidade, mas, ao mesmo tempo, da importância de afirmar, ou melhor, confirmar o que este “grande homem”, cantor, teólogo, escritor e compositor foi e continua sendo para toda e Igreja: um marco, uma referência.

O seu carisma e a sua espiritualidade têm raízes profundas e fundadas na Sagrada Escritura, permeada de uma hermenêutica sensível à compreensão e ao caminho de fé do povo de Deus.

Para quem nasceu no Brasil e viveu a experiência cristã nas comunidades eclesiais brasileiras, é quase impossível não ter cantado nas missas e nos encontros as canções de Padre Zezinho. Foi escutando as canções deste sacerdote que senti o desejo de conhecer Jesus, de ser seu discípulo, de O seguir.

Partilhando esta minha experiência com outros irmãos sacerdotes, religiosos (as) e até bispos, mas, sobretudo, com o inteiro povo de Deus, somos unânimes em repetir que o Padre Zezinho marcou nossas vidas. Suas canções continuam a ressoar nas nossas orações, nas nossas liturgias, dando ainda impulso à nossa busca e conhecimento do Senhor Ressuscitado. Chegando aqui em Nazaré, como guardião e Reitor da Basílica da Anunciação, para custodiar a ‘Casa de Maria’, o ‘Santo Lugar da Encarnação’, ouço cantar *Maria*

de Nazaré, de autoria do Padre Zezinho. Esta música aqui é cantada em seis diferentes línguas, além de tantos outros cantos que nos acompanharam na nossa infância e adolescência².

Contemplando o coração do Padre Zezinho, padre do Sagrado Coração (Dehoniano), que se tornou “terra santa” da Palavra, coração fecundo para a Igreja, não só do Brasil, mas para todo mundo, “fiquei admirado, eu soube que Padre Zezinho nunca esteve aqui na Terra Santa. Ele nunca viu concretamente Nazaré, nunca banhou os pés no Lago de Tiberíades; mesmo assim, o mundo com ele cantou: ‘Tu te abeiraste da praia’ Ele cantou a humanidade de Jesus e a sua Ressurreição, cantou a história e a humanidade de Maria, mesmo sem nunca ter estado dentro do Santo Sepulcro vazio do Senhor Jesus e nunca esteve aqui na Casa de Maria”³. Encontrando Padre Zezinho em 2015, na cidade de Taubaté, ele me disse:

Não dá para pensar na geografia e ficar só lá. Porque toda geografia tem uma história de alguém que caminhou lá. Então, o caminho feito por essas pessoas, testemunhas, é que faz a Terra Santa. A terra sozinha não faz nada, mas os pés que andaram ali, mostraram a santidade do lugar, como Jesus também. Jesus certamente deu santidade àquele lugar, porque Ele esteve lá, os passos de Jesus estavam lá. Agora, em qualquer lugar em que anda um santo, você sabe que existe o ambiente de Jesus Cristo. Por isso, temos que dizer: bem-aventurados os pés que seguem na mesma direção que Jesus⁴.

Posta estas motivações, o objetivo que pretendemos demonstrar neste estudo de homenagem ao Padre Zezinho é uma reflexão sobre o texto da canção “História de Maria” composta

-
2. Bruno VARRIANO, *O bom Mestre de Nazaré – com o coração humano nos amou*, 2016, p. 302.
 3. *Ibidem*.
 4. PADRE ZEZINHO, *Entrevista com Padre Zezinho (informação verbal)*, Taubaté: Convento Sagrado Coração de Jesus, outubro de 2016.

por ele no ano 1975⁵. Não se tratará de um estudo mariológico em sentido estrito. A análise seguirá as estrofes da canção, tendo como objetivo ressaltar não somente as fontes bíblicas, mas em especial aquelas arqueológicas, do ambiente histórico e judaico de Nazaré, daquele da Galileia do I século. O mesmo Padre Zezinho afirma que as suas canções não são fruto somente da emoção e simples intuições, mas sim de um serviço à Igreja a ao seu Magistério: “Complemento tudo que recebo com mais leituras, então, eu bebi a Teologia, a Sociologia, a Psicologia, a História da Igreja. As canções nasceram disso, e os livros que eu escrevo também”⁶.

1. “Em Nazaré da Galileia”

Na canção “História de Maria”, servindo-se de ritmo e linguagem acessível ao povo de Deus, Padre Zezinho faz uma catequese bíblica que nos traz aqui, no ambiente concreto de Nazaré, o povoado indicado no Evangelho de Lucas. No período bíblico era um povoado simples e agrícola de pouco menos de 450 habitantes. Nada de extraordinário ou impressionante, mas simplesmente “vida ordinária”, que não quer dizer insignificante. Ao contrário, Maria de Nazaré, como canta Padre Zezinho, vive na experiência humana o evento de trazer no seu seio virginal o “Verbo que se fez carne”: “*et Verbum hic caro factus est*”, e este *hic* (aqui) tem a sua morada concreta naquela criatura humana.

Com a Encarnação foram retiradas as barreiras e Ele se torna o *Emanuel*, Deus conosco, e, assim, na vida ordinária de Maria de Nazaré se realiza a promessa, da arca santa no nosso meio (cf. 1Sm 5–7). Realmente, retiradas as barreiras, contemplamos o retrato realístico de Maria no seu contexto religioso, político e social, tornando-se tão próxima da nossa condição humana. Condição que a canção nos ajuda a meditar e adentrar:

5. PADRE ZEZINHO, “História de Maria”, in _____, *Um Certo Galileu* (LP), 1975.
6. PADRE ZEZINHO, *Entrevista com Padre Zezinho (informação verbal)*, Taubaté: Convento Sagrado Coração de Jesus, outubro de 2016.

*Vou lhe contar uma história
de uma jovem chamada Maria,
em Nazaré da Galileia
outra igual eu não sei se existia.
Não sei se eram verdes seus olhos,
se tinha cabelos morenos,
só sei que Maria de Nazaré,
resolveu se casar com José⁷.*

Maria, do hebraico מִרְיָם - *Myrhiàm*, possui vários significados, que nas canções de Padre Zezinho ressoa suave, doce, mas, ao mesmo tempo, no teor encontramos o seu significado profundo, próprio das línguas semíticas, onde o nome indica a missão, projeto ao qual o indivíduo é chamado a cumprir na sua existência e que dá sentido à mesma. Dentre eles, podemos relevar aquele de “*Ave Maris Stella*” (mar e estrela). Ela é a “Estrela do mar” que o grande cantor da Virgem Maria, Bernardo de ClaraVal, entrelaça sapientemente o significado inspirando séculos depois o nosso homenageado⁸. Maria é pura e gloriosa “Estrela” que surge para Jacó e ilumina todo o mundo (cf. Nm 24, 17); a sua luz brilha penetrando os abismos e inflamando de amor os corações, suscitando as virtudes e destruindo os vícios. É ainda a cândida e doce estrela da providência, visível no profundo mar do universo para nos indicar o porto seguro: Cristo Jesus. Por isso, o seu nome é melodia suave aos nossos ouvidos, bálsamo salutar para todas as nossas realidades humanas como nos traz a canção em análise.

O “cantor da humanidade”⁹, assim chamamos Padre Zezinho no livro *O bom mestre de Nazaré - com coração humano nos amou*, nos conduz por meio da sua composição “História de Maria”, a Nazaré da Galileia, a realidade autêntica de Maria que vinha da periferia, de um povoado pouco conhecido e menos ainda reconhecido. Estamos aqui diante de uma dicotomia onde

7. PADRE ZEZINHO, “História de Maria”, in _____, *Um Certo Galileu* (LP), 1975.

8. BERNARDO DE CLARAVAL, *Lodi della Vergine Maria*, 2015, *passim*.

9. Bruno VARRIANO, *O bom Mestre de Nazaré - Com coração humano nos amou*, 2016, p. 302.

gostaria de insistir, que as nossas devoções marianas, em especial aquelas mais sentidas, encontram os seus fundamentos na realidade humana da vida de Maria Santíssima, que não veio de uma cidade importante da época. É comovente acompanhar os peregrinos que chegam aqui em Nazaré e se deparam com a maior Basílica do Oriente Médio, mas quando visitam as escavações, eles reconhecem a simplicidade daquele que era o povoado de Nazaré. Naturalmente, começam a contemplar Deus que na sua grandeza se abaixa (*kênosis*) no mistério da Encarnação, voltando-se para a Galileia, para uma simples jovem, de um vilarejo de artesões, que para sobreviverem procuravam trabalho na cidade helenística de Séforis, distante de Nazaré oito quilômetros.

As escavações no povoado de Nazaré, conduzidas pelo franciscano da Custódia da Terra Santa Frei Bellarmino Bagatti OFM, trouxeram à luz os restos de uma aldeia do ambiente da Idade do Ferro II (900-600 a.C.), que gradualmente foi se estruturando. São casas simples, escavadas no calcário, que faziam parte das casas habitadas por pessoas trabalhadoras, do povo. As escavações relevam o caráter agrícola do povoado, testemunhado principalmente pelos muitos silos e poços. Eles mantinham nos silos com até dois metros de profundidade os grãos colhidos. Eram engenhosamente dispostos um sobre o outro, em várias camadas, e ligados por túneis que facilitavam o armazenamento de mercadorias e aeração dos grãos. Junto com os silos foram encontradas cisternas que coletavam água da chuva e prensas para óleo e uvas.

Conhecer Maria e seu ambiente histórico e cultural aqui em Nazaré é o segredo de uma espiritualidade autêntica, que se realiza e se concretiza no ordinário de cada dia, de cada momento. A espiritualidade da vida cotidiana de Maria, porém se depara com juízos e preconceitos. Maria continua sempre em Nazaré, mas o seu filho Jesus vive as consequências de pertencer à categoria daqueles que vinham de uma cidade insignificante; isto se torna para Ele um real obstáculo. Natanael (que a tradição identifica com Bartolomeu) se exprime candidamente com tal juízo e preconceito: “De Nazaré pode vir algo de bom?” (Jo 1, 46). Os juízos prosseguem e se reforçam na opinião dos judeus que depois de terem escutado a sua pregação durante a Festa das Ten-

das, se perguntam: “Este homem não teve estudo, donde lhe vem, pois, este conhecimento das Escrituras” (Jo 7,15). As pessoas da relação cultural e social de Jesus e de Maria eram consideradas culturalmente e religiosamente pouco confiáveis, porque de pouca cultura e provenientes da Nazaré, da periferia; e para pesar ainda mais a afirmação de que da Galileia não surge profeta, Jesus Nazareno não é de se seguir, nem mesmo deve ser escutado: “Informa-te bem e verás que da Galileia não sai profeta”! “E voltaram cada um para sua casa” (Jo 7, 52-53). Pertencer a Nazaré era sinônimo de pertencer a gente comum, ordinária, que não possuía particulares estudos teológicos, além do mais, de ser uma cidade desprezada e desconhecida, sem “história”.

Nos dias de hoje, vivemos a tentação do desprezo da vida comum, ordinária. É aqui, no cotidiano, entretanto, o lugar no qual podemos ser alcançados pela Boa Nova do Evangelho! É a partir desta natural realidade da vida, naquele pouco conhecido povoado, que Maria cresce e segue naturalmente o seu percurso de mulher de fé. A mesma fé dos profetas, que como ela, amaram a Palavra de Deus e se deixaram guiar por ela em próprios caminhos e atitudes: a fé de Abraão que se colocou em caminho acreditando em uma promessa; a fé de Moisés que também morre sem entrar na terra prometida, mas que tornou possível que um povo inteiro entrasse na terra de Israel acreditando na Palavra e não em uma realidade mágica ou fantástica. Esta é a fé de Maria que vive o laboratório real da promessa em um vilarejo insignificante da Galileia, em uma realidade humana cheia de impossibilidades e barreiras. O encontro com Maria de Nazaré nos ajuda a consolidarmos e a viver a nossa experiência de fé acolhendo-a na realidade de todos os dias, sem a busca de pseudos-sentimentos e euforias. Deus nos chama, elege-nos e nos quer, e depois do encontro com Ele continuamos na nossa condição humana, na nossa realidade de todos os dias, com os desafios, provas e dores e também com tantas alegrias do cotidiano.

As escavações arqueológicas do povoado de Nazaré revelam além do contexto cotidiano do povoado onde viveu Maria, duas outras importantes verdades históricas: a primeira delas é de natureza litúrgica, pois a casa de Maria, já no primeiro século do cristianismo,

foi transformada em lugar de culto como *Domus Ecclesiae*. A segunda é uma “pérola” das escavações, um testemunho. Entre tantos grafitos que encontramos nos emplastos que cobrem as pedras dos lugares venerados, confirmando a passagem dos peregrinos que veneravam o lugar santo desde as primícias do cristianismo, é visível na base de uma coluna com muitos grafitos, um com a exclamação em grego “Ave Maria” (*Xaire Maria*), a mais antiga atestação arqueológica com uma invocação à Virgem Maria de Nazaré, que se tornou a oração mariana mais comum entre os cristãos. Os primeiros cristãos eram marianos, amavam Maria e também São José.

2. O começo da história

O anúncio do anjo, o Espírito de Deus entrando na vida concreta de Maria e José, quase assumindo e mudando os projetos que eles tinham, certamente perturbou-os interiormente, mas, contudo, gerou neles uma potência criativa. Sim, será um casal, serão cônjuges, pais, mas não na maneira que eles imaginavam; viveriam juntos, mas não como eles esperavam. Uma novidade vinha a mudar a vida destes jovens esposos de Nazaré. Maria se apresenta aos nossos olhos, na sua casa, como mulher das relações: com o seu Deus, com José, com as outras pessoas. Preparada e habituada desde sempre, e próprio por esta razão, Deus marca ainda mais viva esta relação e a transforma, dá vida e dá “carne”, tornando-a “divina” através o dom da vida humana por excelência, aquela do Filho de Deus. Podemos dizer que a obra aqui considerada, apresentando a vida de Maria no estilo de prosa e história, nos conduz com a imaginação à aquela “escolhida” jovem da Galileia:

*Vou começar minha história,
relembrando as garotas de então,
em Nazaré da Galileia o assunto era libertação.
Não sei se eram verdes seus olhos se tinha cabelos morenos,
só sei que Maria de Nazaré, resolveu assumir sua fé¹⁰.*

10. PADRE ZEZINHO, “História de Maria”, in _____, *Um Certo Galileu* (LP), 1975.

Maria em Nazaré vivia e nutria a “esperança” de Israel da vinda do Messias. Padre Zezinho canta o dom inefável da vida humana de Maria de Nazaré, e leva a pensá-la memorizando as poesias e as orações, em particular os salmos. Como todas as comuns mulheres de Nazaré, Maria frequentava a sinagoga do povoado e escutava a proclamação dos oráculos do profeta Isaías com os seus cantos do Servo servidor de Israel que traria a luz para o mundo. Distintamente das outras mulheres, Maria irá reconhecê-lo no seu Filho. Acolherá também a lógica de serva do Senhor e a sua vocação de ser o instrumento da compaixão do Criador transmitida por todas as gerações. Ela conhecia e rezava a oração de Ana, a mãe de Samuel: “Como me sinto feliz no Senhor! Como Ele me abençoou! Agora já posso responder a quem me quer mal, porque o Senhor deu solução ao meu problema. Como me sinto feliz!” (cf. 1 Sm 1). Na visita a sua prima Isabel, o rendimento de graça jorrará espontaneamente no “*Magnificat*” (cf. Lc 1, 46-55), que se inspira no cântico de Ana (cf. 1 Sm 2). Maria também repetia na sua oração o Salmo 147, que certamente aprendeu na sinagoga:

Aleluia! Como é bom cantar louvores ao nosso Deus! Como é agradável e próprio louvá-lo! O Senhor edifica Jerusalém; Ele reúne os exilados de Israel. Só Ele cura os corações quebrantados e cuida das suas feridas. Ele determina o número de estrelas e chama cada uma pelo nome. Grande é o nosso Soberano e tremendo é o seu poder; é impossível medir o seu entendimento. O Senhor sustém o oprimido, mas lança por terra o ímpio (Sl 147,1-6).

Mesmo se Roma influenciava com a própria cultura a Palestina e o império romano se estendia até a extremidade do Oriente e na bacia do mediterrâneo, Israel conservava a sua memória e era guardião da Bíblia, da “Torá” sistematizada na tradição oral. A Bíblia oferecia a consciência clara do destino de Israel e no modo de resistir a todas as formas de opressão. A cada ano, a liturgia da páscoa, o *Pesah*, alimentava, atualizava aquele sentido de liberdade que nada poderia obstaculizar. Nesta realidade política e cultural, Maria professava como todo Israel a fé no Deus

único “que fez o céu e a terra”. Maria sabia que o seu povo, como o servo do profeta Isaías, tinha a missão de levar o nome de Deus até os confins da terra.

Outro aspecto que fez conservar a memória de Maria de Nazaré, o evento da Salvação e libertação de Israel, foram as peregrinações ao templo de Jerusalém, pelo menos três vezes ao ano. Mesmo se o calendário das festas exigia somente aos homens de fazerem a peregrinação ao templo de Jerusalém, esta prática tinha se tornado uma tradição familiar. O povo judeu teve que se abrir ao influxo da sociedade romana de uma mentalidade mais aberta para as mulheres. Entender este aspecto nos ajuda e reconstruir a imagem da mulher na Palestina no tempo histórico de Maria, mas é também justo lembrar que o templo é reconhecido essencialmente como uma instituição masculina. Somente os homens eram sacerdotes, somente os animais do sexo masculino vinham oferecidos como sacrifício. No entanto, as famílias habitualmente peregrinavam a Jerusalém, e no final algumas mulheres eram presentes durante o sacrifício de Páscoa. A causa da presença delas em número sempre significativo, fizeram que introduzissem uma cerimônia especial na Festa das Cabanas com a iluminação do pátio das mulheres durante a noite. Para Pentecostes, que era a festa das primícias das colheitas, se admitia que as mulheres pudessem levar as primícias das colheitas em benefício dos sacerdotes. Encontramos também a participação das mulheres na festa de *Sukkot* (Festa das cabanas), festa por excelência da alegria, porque se seguia depois da festa do Ano novo hebraico (*Rosh Hashaná*), onde o final do primeiro dia das festas acontecia no pátio das mulheres situado no templo. Os homens dançando tinham nas mãos as tochas acendidas e tocavam a harpa e demais instrumentos musicais. Maria mais de uma vez foi testemunho desta explosão de alegria popular como podemos também nós sermos, quando nos aproximamos dos nossos irmãos judeus, que até nos dias de hoje rezam, dançam e cantam no muro (*Cotel*), chamado “das lamentações”, que é o resto que sobrou do templo. Realmente é uma explosão de alegria. Maria que sempre subia até Jerusalém contemplava como verdadeira mulher hebraia, que o tempo pertence a Deus, que o tempo é o projeto de Deus.

3. A Sagrada Família

Se Jerusalém era o centro da oração judaica por três vezes no ano, o autêntico lugar da oração na cotidianidade era o ambiente doméstico. E aqui em Nazaré, Maria viveu como autêntica “mulher de fé” no dia a dia. Nos afazeres domésticos, assistia José e Jesus quando faziam a profissão de fé recitando o *Shemà Israel* - “Escuta Israel” (cf. Dt 6). Maria escutava em silêncio. Ninguém a impedia de unir-se mentalmente e a memorizar as orações e salmos. Digo que ela memorizava as orações porque Jesus tinha que repetir na frente dela o *Kaddish* (Santo, Santo), como todos os adolescentes repetem para as próprias mães as lições e tarefas de casa antes de irem para a escola. A sensibilidade e a inteligência de Maria pelo sacro se abrem no ambiente de Nazaré, onde aquele tempo histórico era caracterizado pela tensão da vinda do Reino de Deus. Os romanos não compreendiam os usos e os costumes dos judeus e sempre se encontrava quem os ridicularizava. Nessa realidade concreta, a vida cotidiana de Maria se radicava na simplicidade da Galileia. A sua fé se nutria da memória e da esperança na promessa, aqui neste povoado perdido e marginal da Galileia e com tantas influências pagãs, porém, daqui aos olhos de Maria, embaixo deste céu livre e puro surgiu uma grande Luz (cf. Jo 1,4-5), a verdadeira luz do mundo.

*Vou prosseguir minha história,
relembrando as ideias que havia,
em Nazaré da Galileia a mulher muito pouco valia.
Não sei se eram verdes seus olhos,
se tinha cabelos morenos,
só sei que Maria de Nazaré,
foi a santa mulher de José¹¹.*

Padre Zezinho intui a necessidade pastoral de recuperar para os nossos dias o matrimônio da “Sagrada Família”, encarnando-o na

11. PADRE ZEZINHO, “História de Maria”, in _____, *Um Certo Galileu* (LP), 1975.

vida do povo de Deus, da sua Igreja. Esta atuação é urgente para os nossos dias, onde os valores da família, da vida e da autenticidade do amor humano sofrem constante ataque. O matrimônio para o povo de Israel era, e é até os nossos dias, imagem da Aliança, aquela de *Adonai* com o seu povo.

Vamos então partindo do ambiente hebraico e crescer no conhecimento da “História de Maria”, que é também a história do nosso “bom José”.

No mundo da cultura e da religião hebraica, o noivado e o matrimônio são dois momentos diferentes. A jovem noiva era considerada como “santificada”, separada das outras jovens para o seu noivo. O mês de *Adar* era considerado o mês indicado para os noivados porque um provérbio repetia: “Quando inicia Adar, Israel colhe com alegria”. Para o dia do matrimônio se passava um ano do início do noivado até o dia em a noiva vinha introduzida na casa do noivo. Na vigília do noivado, Maria de Nazaré foi introduzida em uma sala da casa dos seus pais. As suas amigas a cobriram em brancos linhos e colocaram na sua cabeça uma coroa de folhas de oliveira. Com as flores do jardim enfeitaram o interno da casa e as paredes. As senhoras do pequeno povoado de Nazaré ajudaram a preparar o banquete da festa. Jarras cheias de vinho foram tiradas da cantina para honrar os convidados. Os vizinhos não se apresentaram com as mãos vazias e não faltava nada naquela festa. Segundo a tradição, no pôr do sol uma lâmpada foi colocada na mesa, uma lâmpada grande alimentada por óleo de oliveira. Fora da porta era fixada no muro uma tocha, com o significado que eram convidados todos os habitantes do povoado.

Os convidados chegavam ao pôr do sol. Os anciãos da cidade vestiam indumentas apropriados para a cerimônia, capas parecidas com aquelas dos romanos. Tinham a cabeça coberta em sinal da superioridade social, porque em Israel os velhos são respeitados. O restante do povo usava túnicas com diversas cores com curtas mangas e com um cinto de linho. Entrando na sala da festa, cada convidado se apresentava para a noiva que estava na cabeceira da mesa desejando todo o bem ao noivo com palavras de elogios à beleza da noiva. Tanto mais abundantes eram os elogios, maiores eram as bênçãos que os convidados atraem para os esposos. As frases mais comuns eram as frases bíblicas como esta: “Encontrar

uma boa mulher é encontrar um tesouro”. Depois que os convidados já tinham encontrado lugar na sala, o noivo, na presença de dois testemunhos, entregava para a noiva um objeto de valor de uma *peroutah*, geralmente no valor de um cordeiro, pronunciando esta fórmula: “Com este cordeiro, tu te consagre a mim segundo a lei de Moisés e de Israel”. Assim vinham recitadas duas bênçãos, uma sobre o vinho e outra na cerimônia do casamento. Depois do consenso todos se voltavam para o noivo, para conhecer quanto deu de dote à família da noiva. É interessante ver no casamento hebraico que durante a cerimônia às crianças são distribuídos doces de mel e nozes. Todos os símbolos têm como objetivo de fixar na memória dos noivos o grande “Dia nas nozes”. Olhando os restos arqueológicos da casa de Maria, lugares que nos inspiram a lembrança daquela jovem de Nazaré, podemos recordar dela que coberta com um véu transparente, prometida ao justo José. Depois de um ano, o casamento aconteceu.

4. “A agonia de dois corações”

É uma grande graça viver aqui neste lugar Santo da Anunciação e contemplar estas paredes que assistiram aquela noite quando Maria de Nazaré pouco dormiu, depois da longa e bela cerimônia de noivado e depois de ser prometida esposa a José. Aqui também ela recebe a visita do anjo e que mudaria todos os seus projetos. Ela poderia se transformar na notícia do povoado, com todas as suspeitas de uma gravidez fruto de traição. Juridicamente, qualquer forma de traição poderia ser uma razão para cessar o compromisso do noivo para com a noiva e sua família. Ao ato de infidelidade da noiva, ela era acusada de adultério. E para tal crime não se conhecia outra pena que a lapidação.

*Vou lhe falar da agonia,
que nos dois corações se criou,
pois ela explicar não podia
e o marido, julgar não ousou.
Não sei se eram verdes seus olhos,
se tinha cabelos morenos,*

*só sei que Maria de Nazaré,
mereceu o amor de José*¹².

São José homem justo, cheio de amor pela sua promessa esposa, já imaginava todos os suspeitos e boatos que circulariam no pequeno povoado de Nazaré. No entanto, José pensava em resolver no silêncio, assumindo de certa forma o preço do segredo, e terminar de forma unilateral, porém, misteriosa, o noivado. No sonho revelador confirmou a ação misteriosa e divina e levantando a cabeça declara: “Maria, a minha noiva, será minha esposa”, e legalmente ela se torna a esposa de José e a união foi acolhida com exaltação. José e Maria de Nazaré naquela tarde não se falaram. No entanto, o esposo olhava Maria com uma grande compaixão, sentimento transmitido ao Filho Jesus no amor e respeito que nutria pelas mulheres pela condição social e cultural de fragilidade naquele contexto histórico.

Foram trinta anos de permanência de Jesus em Nazaré, e Nele encontramos as virtudes daquela Sagrada família, no olhar misericordioso repleto de gratuidade. São Boaventura Da Bagnoregio (1274), que nós amamos chamar de “grande Doutor sutil”, um dos Frades Menores Franciscanos canonizados logo depois de São Francisco de Assis, afirmava: “O amor de Maria foi regenerado pelo Espírito Santo, e José obediente ao Espírito, reencontrou a fonte do amor e foi este amor maior que aquele homem justo podia esperar na medida do mesmo coração humano”¹³.

O nosso cantor ao narrar a história de Maria, reconhece o quanto foi cooperador na obra da Salvação a figura de São José, esposo de Maria.

*Vou recordar nesta história
as batalhas que o mundo hoje trava,
em Nazaré da Galileia
lá também já se massificava.
Não sei se eram verdes seus olhos,*

12. PADRE ZEZINHO, “História de Maria”, in _____, *Um Certo Galileu* (LP), 1975.

13. BONAVENTURA DA BAGNOREGIO, *Opera omnia*, 1995, passim.

*se tinha cabelos morenos,
só sei que Maria de Nazaré,
ainda não conhecera José¹⁴.*

O Espírito Santo encontrou em Maria e em José duas pessoas sensíveis e acolhedoras do plano divino, tanto que em Maria se pode operar o grande dom gratuito da Encarnação do Filho de Deus, assim não é pensável que tudo o se que refere ao matrimônio com José não tenha sido também uma obra particular do *Pneuma*, do Espírito. As palavras do anjo (Mt 1,20) são atuais também para nós que acreditamos nos tempos de hoje, quando existem pessoas que no tema do matrimônio entre Maria e José, como dom verdadeiro e virginal, são ainda céticos. A canção, com uma pedagogia que podemos nominar de “pedagogia bíblica pastoral”, ensina o valor da união conjugal de Maria e José, vivido com total e recíproca doação de si mesmos na ordem do cumprimento do mistério da Encarnação Redentora do Filho de Deus, que veio entre o seu povo, para ser acolhido também através do matrimônio-evento dos seus pais, antídoto de uma mera massificação.

5. “Por ela o amor nasceria”

Além da renovada compreensão do amor conjugal, o amor de José e Maria nos leva a compreender o amor verdadeiro, virginal e escatológico. O grande padre da Igreja nascente do primeiro século, Orígenes, observa: “era necessário que Jesus na Encarnação vivesse ao modo humano entre os homens, e se deixasse guiar por aqueles que o acompanharam no crescimento humano (*a nutritiis*), não porque não se pudesse fazer em outro modo, mas deveria seguir a via ordinária (*via et ordine*)”¹⁵. Nesta vida ordinária de Nazaré é a garantia de um amor realmente encarnado na História, no tempo, no espaço e na vida.

14. PADRE ZEZINHO, “História de Maria”, in _____, *Um Certo Galileu* (LP), 1975.

15. ORÍGENES, *Contra Celso*, 1, 66.

*A jovem senhora um dia
recebeu um recado divino,
por ela o amor nasceria
a verdade seria um menino.
Não sei se eram verdes seus olhos,
se tinha cabelos morenos,
só sei que Maria de Nazaré,
aceitou, mas não disse a José¹⁶.*

Não era possível, segundo as categorias filosóficas do pensamento, da compreensão de Deus, que o Altíssimo inacessível pudesse ser visto e tocado. Não era possível gerar um filho sem uma relação sexual. E Maria pergunta como jovem intuitiva e inteligente como seria esta concepção dessemelhante, sem relação com seu prometido marido. A resposta do anjo a Maria reafirma mais uma vez que ela é a Arca da Aliança e a habitação de Deus: “Então o anjo lhe esclareceu: “O Espírito Santo virá sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. E por esse motivo, o ser que nascerá de ti será chamado Santo, Filho de Deus” (Lc 1,35). A nuvem que cobre a Tenda da Reunião é a glória do Senhor que encheu toda a habitação (cf. Ex 40, 34-35). O Espírito é a ação vivificante de Deus. A concepção virginal de Maria pode ser vista em relação com a manifestação de Deus na Tenda do Reunião. É o mistério da *Shekinah*, da nuvem, símbolo da presença de Deus e da habitação da glória que vem preenchê-la. O Filho de Deus irá habitar na Virgem Maria, coberta da sombra da potência de Deus, do Espírito Santo, que desce sobre ela: “O Verbo se fez carne e coloca a sua tenda entre os homens”. Na Basílica da Anunciação, a grandiosa cúpula faz memória deste versículo do Evangelho do prólogo de São João (cf. Jo 1,14).

Peço permissão para adentrar na humanidade de Maria, no sentimento humano de “medo” que ela sentiu. Sente medo, o temor de não compreender um projeto maior que suas próprias expectativas. Medo daquela voz e presença que quebrou a sua rotina, naquela jornada comum de Nazaré. Para entrar neste

16. PADRE ZEZINHO, “História de Maria”, in _____, *Um Certo Galileu* (LP), 1975.

sentimento humano de Maria de Nazaré, recordemos dois momentos da Anunciação.

Segundo a tradição dos apócrifos¹⁷, é na fonte que o anjo se manifesta primeiro para Maria. Eu, de modo particular, gosto muito deste texto e também visito com gosto e levo os peregrinos até “Fonte da Virgem”, onde hoje está construída uma Igreja Ortodoxa dedicada a São Gabriel. Ainda me emociono ao escutar o barulho da água neste lugar santo. É o mesmo ruído daqueles dias em que Maria vinha buscar água: de fato o barulho não muda com os tempos. A “Fonte da Virgem Maria” é distante da gruta da Anunciação não mais que 800 metros. É o protoevangelho de São Thiago, um apócrifo do III século, que coloca em relação o episódio da “Fonte da Virgem” com a gruta da Anunciação:

Um dia Maria pegou a jarra e saiu para tirar água; e eis que ouviu uma voz dizendo: ‘Ave, Cheia de Graça! O Senhor é convosco, bendita és tu entre as mulheres’. Ela olhou em volta, para a esquerda e para a direita, de onde vinha aquela voz, e começando a tremer, voltou para casa, colocou a jarra no seu lugar, sentou no seu banquinho e lá tecia. Eis que um anjo do Senhor apareceu na frente dela [...]”¹⁸.

Podemos chamar de cooperação ativa, pessoal, livre e responsável de Maria na obra da salvação, como afirma o Concílio Vaticano II¹⁹. O santo concílio diz que Maria contribuiu, consentiu, cooperou no obter a misericórdia divina, na restauração da graça. Os Santos Padres veem Maria não apenas passivamente nas mãos de Deus, mas como aquela que cooperou na salvação do homem através da sua fé livre e obediente. Pois, como diz Santo Irineu, que “sendo obediente, se tornou a causa de salvação para toda a raça humana”²⁰.

17. Aqui é necessário esclarecer que os evangelhos apócrifos não foram incluídos entre os quatro Evangelhos chamados canônicos, mas nos ajudam na compreensão histórica e cultural da vida de Jesus e Maria, e até mesmo espiritualmente.

18. *A HISTÓRIA do Nascimento de Maria - Proto Evangelho de Tiago*, 1989, p. 34.

19. Cf. *Lumen Gentium* n. 56.

20. IRINEU DE LYON, *Adv. Haer.*, 3, 22,4.

Entrando dentro da casa de Maria, prossegue o anjo: “Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus. E eis que em teu ventre conceberás e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus” (Lc 1, 30-31). Na comunicação do anjo, Maria temeu e se perguntou o significado daquela saudação. A explicação do anjo aumenta ainda mais o temor de Maria. É o temor de uma filha de Deus, de uma virgem, de uma pobre. Porém, é dos pobres o Reino dos céus!

6. Belém

*Para Belém noite e dia,
caminharam pro recenseamento,
ninguém deu abrigo a Maria,
não havia mais alojamento.
Não sei se eram verdes seus olhos,
se tinha cabelos morenos,
só sei que no ventre daquela flor,
rejeitaram o libertador²¹.*

O sonho se tornou realidade na vida concreta de Maria de Nazaré e na vida de seu esposo José. Chegou o momento de cooperar com a obra da salvação, enfrentando o desafio de uma longa e fatigosa viagem, com Maria grávida do Filho de Deus. José assume as primeiras consequências daquela desafiadora paternidade e se coloca em viagem para a sua cidade natal, a pequena Belém de Éfrata, para dar ao Filho de Deus o reconhecimento jurídico da sua condição humana no recenseamento de César Augusto (Lc 2,1). Como entender o sentimento de Maria naquela viagem? No seu coração ela guardava todas as palavras ouvidas; na fé acolhia o mistério daquela maternidade divina. Uma coisa era certa, ela faria todas coisas, correria todos os riscos, por aquele filho que levava no seu seio. O coração humano do Verbo feito carne batia em um melodioso ritmo de amor no ventre de Maria: “porque Ele com

21. PADRE ZEZINHO, “História de Maria”, in _____, *Um Certo Galileu* (LP), 1975.

coração nos amou”²². Seria uma grande injustiça querer contemplar este amor humano e divino sem reconhecer a paternidade responsável de São José. A presença de Jesus em nós gera sempre movimento, procura e salvação. E saindo do medo e das acomodações, o Espírito nos conduz a realização do projeto do Pai.

A meta da viagem: Belém. Em hebraico *Bet – lahm* (“Casa do pão”), em árabe, “casa da carne”. Na Bíblia é “Belém de Judá” (Mt 2, 5). Belém tem diferenças com Nazaré: tem raízes profundas no Antigo Testamento, narrada no livro de Gênesis, quando se refere à morte de Raquel:

E partiram de Betel; e havia ainda um pequeno espaço de terra para chegar a Éfrata, e deu à luz Raquel, e ela teve trabalho em seu parto. E aconteceu que, tendo ela trabalho em seu parto, lhe disse a parteira: Não temas, porque também este filho terás. E aconteceu que, saindo-se-lhe a alma (porque morreu), chamou-lhe Benoni; mas seu pai chamou-lhe Benjamim. Assim morreu Raquel, e foi sepultada no caminho de Éfrata; que é Belém (Gn 35, 16-19).

Vamos recordar a importância de Belém no Antigo Testamento porque isso nos ajuda e nos prepara para entrar no mistério daquela noite santa que se realizou a promessa de aliança e amor eterno. Em Belém nasceu Elimelec e Noemi sua esposa. Depois da permanência na terra de Moab, Noemi retornou viúva com a nora a maobita Rute, que era viúva de seu filho; em Belém, a doce e remissiva Rute conheceu Booz. E foi rica de significado a benção na qual os anciãos e o povo pronunciaram no dia das nozes de Rute e Booz:

E todo o povo que estava na porta, e os anciãos, disseram: Somos testemunhas; o Senhor faça a esta mulher, que entra na tua casa, como a Raquel e como a Lia, que ambas edificaram a casa de Israel; e porta-te valorosamente em Éfrata, e faze-te nome afamado em Belém. E seja a tua casa como a casa de Perez (que Tamar deu à luz a Judá), pela descendência que o Senhor te der desta moça (Rt 4, 11-12).

22. *Gaudium et Spes* n. 22.

Desta linda bênção matrimonial e profética, nasce o filho de Booz e Rute, Obed; de Obed nasceu Jessé; e de Jessé nasceu Davi, progenitor do Senhor nosso Jesus Cristo, porque o nosso São José era da descendência de Davi. Em Belém também nasceram os três sobrinhos de Davi: Ioab, heroico soldado e general; Abisai, caro ao rei; Asrael, o valoroso que morreu combatendo. Roboamo mais tarde fortificou Belém (2Cr 11,6). Para nós, a mais importante é a profecia que encontramos em Miqueias, onde daquela pequena cidade da Judeia nasceria o Salvador:

Agora ajunta-te em tropas, ó filha de tropas; pôr-se-á cerco contra nós; ferirão com a vara na face ao juiz de Israel. E tu, Belém Éfrata, posto que pequena entre os milhares de Judá, de ti me sairá o que governará em Israel, e cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade. Portanto os entregará até ao tempo em que a que está de parto tiver dado à luz; então o restante de seus irmãos voltará aos filhos de Israel (Mq 4,14-5,3).

Profecia associada às profecias de Isaías: “Portanto o mesmo Senhor vos dará um sinal: Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e chamará o seu nome Emanuel” (Is 7,14); “Porque brotará um rebento do tronco de Jessé, e das suas raízes um renovo frutificará” (Is 11,1); “E acontecerá naquele dia que a raiz de Jessé, a qual estará posta por estandarte dos povos, será buscada pelos gentios; e o lugar do seu repouso será glorioso” (Is 11,19).

Meditando os textos de Miquéias, Isaías e os Evangelhos, entendendo a afirmação da estrofe acima, onde padre Zezinho faz sua, a pergunta que nos fazemos todos, em particular nós que vivemos aqui na Terra Santa: como não reconhecer no Filho da Virgem o Messias? Os Evangelhos nos introduzem na realidade concreta das profecias feitas a Israel e nos conduzem à gruta da natividade, onde uma estrela de 14 pontas indica o lugar do nascimento de Jesus, analogia ao Evangelho de Mateus: “De sorte que todas as gerações, desde Abraão até Davi, são catorze gerações; e desde Davi até a deportação para a babilônia, catorze gerações; e desde a deportação para a babilônia até Cristo, catorze gerações” (Mt 1,17). Mas é o evangelho

de Lucas a nos introduzir no calor da presença daquela noite, que faz de Belém, o lugar da ternura de Deus que se fez criança:

E aconteceu naqueles dias que saiu um decreto da parte de César Augusto, para que todo o mundo se alistasse (Este primeiro alistamento foi feito sendo Quirino presidente da Síria). E todos iam alistar-se, cada um a sua própria cidade. E subiu também José da Galileia, da cidade de Nazaré, à Judéia, à cidade de Davi, chamada Belém (porque era da casa e família de Davi), a fim de alistar-se com Maria, sua esposa, que estava grávida. E aconteceu que, estando eles ali, se cumpriram os dias em que ela havia de dar à luz. E deu à luz a seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem (Lc 2, 1-7).

*Vou terminar minha história,
recordando os casais de hoje em dia,
em Nazaré da Galileia
o divórcio também existia.
Não sei se eram verdes seus olhos,
não sei se foi loira ou morena,
só sei que Maria de Nazaré,
foi fiel a seu Deus e a José²³.*

Maria fiel ao projeto de Deus, mãe e esposa dedicada em tempo pleno ao Seu Filho e a José, é na sua vida ordinária de Nazaré e na Igreja nascente discípula e peregrina no seu excepcional peregrinar na fé. Representa constante referência para a Igreja, em certo sentido, também para a humanidade inteira, como afirma a *Redemptoris Mater*, em especial para os pobres e os últimos, para quem como ela caminha, serve e sofre²⁴. E a seguimos caminhando nas estradas tortuosas da história, para promover e valorizar a imensa procissão de homens e mulheres pobres, famintos, humilhados e ofendidos (cf. Lc 1, 52-53). A

23. PADRE ZEZINHO, "História de Maria", in _____, *Um Certo Galileu* (LP), 1975.

24. *Redemptoris Mater* n. 6.

humilde Virgem de Nazaré, como observa Santo Ambrósio, não é “o Deus do templo, mas é o templo de Deus”²⁵, acompanha o seu Filho, seguindo os seus passos e seu tempo. Desceu, como narra são João, depois das Bodas de Caná, a Cafarnaum: “Desceu a Cafarnaum juntamente com sua mãe” (Jo 2,12). Mas nos movimentos peregrinos de Maria, o Evangelho insiste com o verbo “subir” para aludir que a peregrinação terrena de Maria simboliza toda a fadiga de um exigente itinerário espiritual. E assim nos sentimos peregrinos com Maria apesar do frenesi, da velocidade que esvaziam as ternas relações humanas. O peregrinar não é correr, é sim passar, saborear a presença de cada irmão, de cada irmã e da presença do Altíssimo.

Faz parte da “História de Maria” caminhar com o seu Filho; Ele o centro da sua vida. Os olhos de Maria eram fixos nos detalhes, no Seu Filho. Quantas vezes ela O pegou pelas mãos nas peregrinações em Jerusalém e O conduzia ao templo, ao Pátio dos Israelitas, onde se erguia o altar dos sacrifícios. Ele lá e ela no Pátio das mulheres, mas os corações próximos e unidos. No Pátio dos Israelitas, Jesus observava numerosos sacerdotes com as cabeças cobertas, com mitras brancas caminhavam e grande número de ovelhas e bois vinham conduzidos ao sacrifício. Fumaça de carne queimada se misturava com o perfume de incenso. Tudo anelava a Deus ao qual queriam se aproximar. Jesus escutava as explicações do sacrifício feitas pelos sacerdotes e provavelmente lembrava-se que os profetas tinham anunciado que Deus era cansado de tanto sangue de touros e desejava um coração purificado.

Enquanto o coração do Filho ia ocupando-se com as coisas de seu Pai, o coração da mãe Maria observava o que acontecia, rezava em silêncio no seu coração, como tempo atrás Ana e tantas outras mulheres santas. Ao poucos e cada vez mais, caminhando com seu Filho, ela percebia que outras profecias sobre seu “menino” iriam também se realizar. Meditava a profecia de Isaías que definia o Servo do Senhor como um cordeiro conduzido ao extermínio por causa da sua fidelidade e que desta obediência nasceria a remissão dos pecadores. Ela sabia que o Cordeiro inocente é transformado na

25. SANT’AMBROGIO, *Lo Spirito Santo* III, 11,80.

alma daquele que oferece o sacrifício. No caminho público do Filho está a Mãe; no caminho para a cruz está a Mãe. Todo o seu peregrinar é seguindo o seu Filho e se nós peregrinamos com ela, também estamos do lado Dele, nos passos do “bom Mestre de Nazaré”.

Considerações finais

O nosso amado “Padre Zezinho” ajuda-nos a olhar com amor filial à Maria, a mãe de Jesus por meio de suas canções e livros e nos faz peregrinar para a única meta, que é “tornarmo-nos melhores discípulos de Jesus de Nazaré”. Sua “mariologia do cotidiano” é integral e ele canta com versos simples as maravilhas que o Senhor fez naquela que é peregrina de Israel, modelo de fé e de humanidade. O cantor da humanidade de Maria não chama atenção para si, tem ciência que também é filho e devoto na escola de Nazaré e é para este encontro, através do qual a história humana entra naquela divina e se torna a única história de salvação, que seu ministério nos endereça. E juntos na casa de Maria de Nazaré, podemos pedir:

Maria, Mulher da escuta, abre os nossos ouvidos; faz com que saibamos ouvir a Palavra do teu Filho Jesus, no meio das mil palavras deste mundo; faz com que saibamos ouvir a realidade em que vivemos, cada pessoa que encontramos, especialmente quem é pobre e necessitado, quem se encontra em dificuldade.

Maria, Mulher da decisão, ilumina a nossa mente e o nosso coração, a fim de que saibamos obedecer à Palavra do teu Filho Jesus, sem hesitações; concede-nos a coragem da decisão, de não nos deixarmos arrastar para que outros orientem a nossa vida.

Maria, Mulher da ação, faz com que as nossas mãos e os nossos pés se movam ‘apressadamente’ rumo aos outros, para levar a caridade e o amor do teu Filho Jesus, para levar ao mundo, como tu, a luz do Evangelho. Amém!²⁶

26. PAPA FRANCISCO *apud* Bruno VARRIANO, *O bom Mestre de Nazaré - Com coração humano nos amou*, 2016, p. 124-125.

Referências

- A HISTÓRIA do Nascimento de Maria - Proto-evangelho de Tiago*. Petrópolis: Vozes, 1989.
- BÍBLIA Sagrada. Biblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.
- BERNARDO DI CHIARAVALLE. *Lodi della Vergine Maria*. Roma: Edizioni San Paolo, 2015.
- BONAVENTURA DA BAGNOREGIO. *Opera omnia*. Firenze: Quaracchi, 1995.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. “Constituição Dogmática *Lumen Gentium*”. In *DOCUMENTOS do Concílio Ecumênico Vaticano II*. 4ª ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- _____. “Constituição Pastoral *Gaudium et spes*”. In *DOCUMENTOS do Concílio Ecumênico Vaticano II*. 4ª ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- IRENEU DE LYON. *Advaersus Haereses*. Ed. Critica Adelin Rousseau e Louis Doutreleau. Paris: CERF, 2008.
- JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica “Redemptoris Mater”*. Roma: Editrice Vaticana, 1987.
- NOVUM Testamentum graece et latine*. Korrigierter Druck: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- ORÍGENES. *Contra Celso*. São Paulo: Paulus, 2004.
- PADRE ZEZINHO. *Entrevista com Padre Zezinho* (informação verbal). Taubaté: Convento Sagrado Coração de Jesus, outubro de 2016.
- _____. “História de Maria”. In _____. *Um Certo Galileu* (LP). São Paulo: EPD, 1975.
- SANT’AMBROGIO. *Lo Spirito Santo*. Milano: Biblioteca Ambrosiana; Roma: Città Nuova, 1979.
- VARRIANO, Bruno. *O bom Mestre de Nazaré. Com coração humano nos amou*. São Paulo: Canção Nova, 2016.